

Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias



CLTS em Situações de Pós- Emergência e de Estados Frágeis

Frank Greaves, Tearfund

Número 9, Julho de 2016

CLTS Knowledge Hub do



Institute of
Development Studies

www.communityledtotalsanitation.org



Sobre o CLTS Knowledge Hub

O IDS tem vindo a trabalhar em apoio do Saneamento Total Liderado pela Comunidade (CLTS) desde que este começou. O CLTS tornou-se agora um movimento internacional do qual o IDS é o núcleo de saber reconhecido.

O CLTS Knowledge Hub dedica-se a compreender as realidades da prática de CLTS no terreno e a estudar, divulgar e promover boas práticas, ideias e inovações que conduzam a maior sustentabilidade e maior escala. Procuramos manter a comunidade de CLTS bem interligada e informada, e dar espaço para reflexão, aprendizagem contínua e troca de conhecimentos. Trabalhamos em colaboração com profissionais no terreno, decisores políticos, investigadores e outras pessoas que trabalham com desenvolvimento, saneamento e as comunidades envolvidas nestas questões.

Em última análise, o objectivo fundamental do núcleo é contribuir para a dignidade, saúde e bem-estar das crianças, das mulheres e dos homens do mundo em desenvolvimento que sofrem actualmente as consequências de um saneamento inadequado ou inexistente e de falta de higiene.

Foto da capa

LATRINA DANIFICADA PELO TERRAMOTO
NO NEPAL, 2015

FOTO: FRANK GREAVES

CLTS in Situações de Pós-Emergência e de Estados Frágeis

Frank Greaves, Tearfund

*Com contributos de outros profissionais e especialistas:
Sonya Sagan e Qasim Barech, Oxfam; Fiorella Polo, UNICEF;
Departamento de Água e Saneamento Ambiental, Sudão; Murray Burt,
Tearfund; Syed Shah Nasir Khisro, Programa de Apoio Regional Integrado,
Paquistão; Nancy Balfour et al, UNICEF; Enos Wambua, Tearfund*

Citação correcta: Greaves, F. (2016) "CLTS in Situações de Pós-Emergência e de Estados Frágeis", *Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias* Número 9, Brighton: IDS

Primeira edição: 2016

© Institute of Development Studies 2016

Alguns direitos reservados – ver licença de direitos de autor para mais informação.

ISBN 978-1-78118-318-2

Para mais informações, contacte:

CLTS Knowledge Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE

Tel.: +44 (0)1273 606261

E-mail: CLTS@ids.ac.uk

Site: www.communityledtotalsanitation.org

Esta série foi licenciada com uma licença Creative Commons de Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt>).

Atribuição: Deve atribuir o devido crédito da maneira especificada pelo autor ou licenciante.

NãoComercial: Não pode usar este trabalho para fins comerciais.

SemDerivações: Não pode alterar, transferir ou transformar este trabalho.

Os utentes podem copiar, distribuir, exhibir, traduzir ou levar à cena este trabalho sem autorização por escrito. Para cada novo uso ou distribuição, deve deixar claro para terceiros os termos da licença desta obra. Se usar o trabalho, pedimos que faça referência ao site do CLTS (www.communityledtotalsanitation.org) e envie uma cópia do trabalho ou um link para a sua utilização em linha para o seguinte endereço: CLTS Knowledge Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE, Reino Unido (CLTS@ids.ac.uk).

Foi dada autorização para tirar e usar todas as fotografias publicadas neste número.

Este documento foi financiado pela Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional, ASDI. A ASDI não partilha forçosamente os pontos de vista expressos neste material. A responsabilidade do conteúdo cabe exclusivamente aos autores.



Agradecimentos

O autor deseja expressar os seus sinceros agradecimentos a todos os que autorizaram a inclusão dos seus registos de aplicação do CLTS nesta breve publicação. Tudo o que aqui está incluído é aprendizagem para a programação prática. Um pedido de desculpas a quem eventualmente não tenha sido plenamente reconhecido pelo seu contributo.



CLTS em Situações de Pós-Emergência e de Estados Frágeis

Introdução

As intervenções de água, saneamento e higiene (WASH) em contextos de pós-emergência e de Estados frágeis (ver Caixa 1) têm tido tendência a ser orientadas para a oferta, centrando-se no fornecimento de materiais ou de serviços completos, com formação em higiene, saneamento e gestão de instalações melhoradas de WASH. Os problemas resultantes desta abordagem são sublinhados por Nancy Balfour e colegas nas suas intervenções de WASH na Somália e no Sudão do Sul:

«Durante mais de 20 anos de conflito civil, tanto na Somália como no Sudão do Sul, as intervenções de saneamento limitaram-se, na sua maioria, a construção de latrinas de emergência para as populações afectadas ou a educação sobre saneamento e higiene (usando a abordagem de Higiene Participativa e Transformação do Saneamento (PHAST)¹), seguidas por programas de latrinas totalmente subsidiados para famílias seleccionadas. Há poucos indícios de que essas intervenções tenham alcançado os resultados desejados: pesquisas recentes na Somália mostram que o acesso ao saneamento em áreas rurais diminuiu de facto entre 1995 e 2012.»

(Balfour et al, UNICEF, 2014).²

¹ A abordagem de PHAST visa melhorar comportamentos de higiene para reduzir as doenças diarreicas e incentivar uma gestão comunitária eficaz dos serviços de água e saneamento. Parte do princípio de que a participação fortalece a comunidade e aumenta a apropriação dos serviços. Embora a PHAST e o CLTS tenham um discurso em parte coincidente, os seus princípios de aprendizagem diferem radicalmente. A PHAST vem da metodologia SARAR (Auto-estima, Força associada, Engenho, Planificação da Acção e Responsabilidade) e baseia-se em cartões, gráficos e imagens predefinidos. O CLTS vem do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) e tem como ponto de partida as pessoas fazerem as suas próprias análises em materiais com os quais se sentem à vontade, muitas vezes no chão. A SARAR e a PHAST têm processos predeterminados e extensos com passos controlados, rumo a um objectivo que se procura alcançar ao longo de várias reuniões, muitas vezes com grupos pequenos. O DRP e o CLTS são mais abertos, com um repertório versátil e oportunista, levam menos tempo, são menos controlados, mais emergentes, e muitas vezes fazem-se com grupos grandes, chegando a comunidades inteiras. Se a linguagem comum pode sugerir semelhanças, já o significado de facilitação e capacitação difere muitíssimo entre a PHAST e o CLTS, e isso torna-se evidente nos comportamentos dos facilitadores. O CLTS não é intervencionista: «Estamos aqui apenas para aprender», «Não estamos aqui para vos ensinar nada». A PHAST, embora participativa, é muito mais prescritiva e metódica na sua abordagem (Adaptado de comunicação por e-mail de Robert Chambers para a FISCVV, Abril de 2010).

² A OMS/UNICEF (2012) refere um aumento da incidência de fekalismo a céu aberto (OD) nas zonas rurais de 68% em 1995 para 83% em 2012.

Caixa 1: Nota sobre a terminologia de tipos de emergência

Ao logo desta descrição do uso de CLTS em contextos de pós-emergência, o termo «pós-emergência» refere-se à fase da intervenção humanitária que se segue à resposta imediata à emergência/catástrofe (geralmente, pelo menos, algumas semanas após o acontecimento de emergência), quando populações afectadas são temporariamente instaladas em campos ou comunidades de acolhimento/provisórias. As suas vidas já não estão sob ameaça imediata e as suas necessidades básicas estão a ser satisfeitas por agentes humanitários. Enquanto não estão a funcionar planos firmes para o regresso às povoações de origem, ou assentamentos de longo prazo, as pessoas podem, no seu dia-a-dia, concentrar-se em melhorar o seu bem-estar no seio da comunidade em que se encontram.

A expressão **Estados Frágeis** (oficialmente, Estados Frágeis e Afectados por Conflitos (EFAC)) refere-se a contextos caracterizados pela instabilidade e insegurança, nos quais a deterioração dos cenários governamentais resulta na incapacidade de prestar os serviços básicos. As populações desses países ou regiões podem estar a recuperar de perdas de eventos anteriores de insegurança e, em geral, continua a ser necessário um certo grau de intervenção humanitária para ajudar a garantir a satisfação das necessidades básicas.

Como alternativa, o CLTS pode parecer fundamentalmente inadequado para contextos pós-emergência e Estados frágeis: o princípio fundamental de que o material de saneamento não deve ser subsidiado pode entrar em conflito com a necessidade urgente, e com o que alguns considerarão uma violação do direito humano à assistência. As populações afectadas muitas vezes perderam todas as suas posses e estão traumatizadas, fisicamente débeis, inseguras e no ponto de maior dependência da comunidade da ajuda humanitária. Além disso, os membros menos capazes da comunidade talvez não possam contar com a ajuda de outras pessoas quando a estrutura da sua comunidade e o seu capital social foram devastados. No entanto, à medida que o tempo passa, e as prioridades e as capacidades humanas vão mudando, o próprio saneamento tornar-se-á um aspecto essencial a ter em consideração para a saúde e o bem-estar, e as condições para acção própria individual de CLTS muitas vezes melhoram.

Nos últimos anos, esta dicotomia levou algumas agências a fazer uma revisão

da abordagem, aceitando que grupos pobres e vulneráveis possam receber algum tipo específico de subsídio para a construção da sua própria latrina, por exemplo, no contexto de ajuda à reabilitação na sua povoação original, ou para ter acesso à sua própria latrina num contexto de uma povoação de acolhimento em que a partilha contínua de instalações sanitárias não é solução viável.

Esta edição de *Fronteiras do CLTS* baseia-se nas experiências de agências de ajuda de emergência e de ajuda o desenvolvimento que facilitaram CLTS em contextos de pós-emergência e de EFAC. Analisam-se neste número as experiências de estudo de caso de:

Paquistão	Deslocados Internos (DI) em campos e comunidades estabelecidas afectadas pelas cheias.
Haiti	Deslocados em campos.
Sudão	DI de longo prazo que vivem em comunidades de acolhimento.
Afeganistão	Comunidades estabelecidas/restabelecidas que continuam a receber retornados.
Sudão do Sul	Comunidades de origem em contextos de EFAC.
Somália	Comunidades de origem em contextos de EFAC.
Nepal	Reabilitação de povoações de origem.

A sua finalidade é contribuir para o entendimento e criar aprendizagem e orientação relativamente à aplicação do CLTS nestas situações. Explora a seguinte questão: **Como, quando e em que circunstâncias se pode realizar um processo da análise, acção e mudança de comportamento colectivo à maneira do CLTS?** À medida que se vai tratando esta questão através dos vários estudos de caso e da discussão, vão-se ponderando alguns dos desafios da abordagem CLTS, como sejam a questão da inclusão entre grupos particularmente vulneráveis e as circunstâncias em que podem ser apropriados o subsídio de materiais ou outros incentivos.

Tipologia de situações para adopção do CLTS

Em vez de tentar categorizar em tipos predefinidos de catástrofes as lições da aplicabilidade do CLTS, alguns estudos recentes têm sugerido que uma «tipologia de situações» que afectam a vida das pessoas apanhados na emergência e o ambiente favorável geral tem a maior influência na possibilidade de adoptar com sucesso ou não uma solução de saneamento assente na procura, como o CLTS.³

Está fora do âmbito da presente publicação aprofundar cada tipo de situações. Usa-se uma tipologia simplificada e abrangente para apresentar os principais pontos de aprendizagem sobre a aplicabilidade do CLTS em três categorias:

- **Pessoas deslocadas que vivem em campos.**
- **Pessoas deslocadas que vivem em comunidades de acolhimento.**
- **Pessoas que vivem em aldeias estabelecidas em áreas afectadas por conflitos ou que estão a ser recuperadas/reabilitadas.**

Dentro de cada um destes três principais tipos de situações haverá subcategorias/ subsituações que influenciarão a eficácia da abordagem de CLTS. Por exemplo, no cenário dos campos, seria importante saber se a população de DI/refugiados vivia em grupos socialmente coesos ou não, e se o nível dos serviços de abastecimento de água e saneamento era considerado adequado ou não (e, claro, o nível de OD). No contexto comunidade de acolhimento, interessar-nos-ia saber se a população afectada mantinha proximidade social entre os seus membros ou se se integrou na população de acolhimento. No contexto de reassentamento, importaria saber que percepção tem a população afectada da disponibilidade de outros serviços essenciais, tais como mercados, possibilidades de rendimentos e disponibilidade de escolarização. Nos três tipos, seria também importante compreender as percepções da segurança e entender assim a disposição das pessoas para investirem na construção ou no melhoramento de instalações sanitárias.

Os estudos de caso que se seguem estão divididos nestas seguintes categorias, com as principais lições que se tiram de cada tipo.

³ A pesquisa realizada em conjunto pela WEDC e pela Tearfund em 2011 e 2012 (Scott, 2013) corrobora esta perspectiva, mas põe igualmente a tónica no ambiente favorável geral. Isto inclui considerações como a capacidade das agências e do governo, e as mentalidades, a influência e abordagem preferida de mecanismos de coordenação, os recursos financeiros disponíveis para a intervenção, e o efeito de conflito e insegurança na estratégia geral.

Pessoas deslocadas que vivem em campos



Em campos de DI ou refugiados, os serviços essenciais, tais como WASH, são fornecidos por agências externas como as circunstâncias o permitam. As instalações de WASH são sempre colectivas (por exemplo, blocos sanitários, torneiras, instalações para tomar banhos e lavar as mãos) e geralmente são geridas por um ou mais agências implementadoras, embora nalguns casos possam criar-se grupos de DI/refugiados para ajudar na gestão quotidiana.

As pessoas podem estar a viver em tendas ou estruturas de tipo de contentores, ou até mesmo em abrigos básicos construídos com materiais locais. Neste último caso, as pessoas procuram sempre melhorar os seus abrigos com materiais mais robustos.

A experiência da Oxfam GB em Haiderabade, no Paquistão

(Estudo de caso original de Sonya Sagan e Qasim Barech, *Oxfam GB Haiderabade, 2011*)

Contexto

Campos de DI

Historial

As vítimas das inundações que receberam abrigo temporário nos campos de DI em Haiderabade em 2010 eram de várias origens étnicas.

Problemas encontrados

O estudo cita um baixo nível de coesão nas populações dos campos, chegando a haver doze tribos diferentes aí residentes. Por isso, era muito difícil chegar a comum acordo e a uma acção concertada. Era especialmente difícil, nos campos formais, motivar mulheres de diferentes tribos. Uma questão importante era que muitas latrinas nos campos não estavam a ser usadas nem mantidas adequadamente e o OD proliferava. Uma razão para tal era a longa distância que algumas pessoas tinham de caminhar até as latrinas.

No geral, a qualidade de facilitação é fundamental. Deve ser dinâmica, capaz de estimular, motivar e desafiar as pessoas. Os resultados imediatos do despertar revelaram que, se as competências de facilitação fossem fracas, a comunidade não actuava. A principal razão para apenas quatro dos nove grupos comunitários criarem e implementarem planos de acção foi a competência de um facilitador dinâmico (que na verdade tinha formação em comunicações e música).

Intervenção

O despertar para o CLTS foi realizado com nove grupos dentro dos campos, usando diversas actividades originais clássicas de despertar (por exemplo, passeio de defecação, transferência de moscas entre a comida e o cocó, mapeamento, oferta de água contaminada com fezes para beber).



Despertar no campo de Shahbaz, Haiderabade, Paquistão. Em 2010, o Paquistão foi atingido pela sua pior catástrofe natural, quando gigantescas inundações afectaram cerca de 20 milhões de pessoas. Foto: Sonya Sagan, *Oxfam International*

Quatro dos grupos elaboraram em seguida planos de acção para a mudança, que incluíam:

- Homens fazendo campanhas diárias de limpeza e simultaneamente consciencializando a comunidade de que «estamos a comer o nosso próprio cocó».
- Aumento da procura de kits de gestão de resíduos sólidos.
- Iniciativas infantis: «Polícia de OD», sensibilização dos pais e outros adultos, campanhas diárias de limpeza, concursos do bloco mais limpo entre crianças de blocos diferentes, tapar o OD com cal ou com terra.
- Patrulhas de OD apitando para as pessoas que o praticavam.
- Limpeza de áreas de OD, posteriormente utilizado para lazeres (campos desportivos, locais de entretenimento, parques infantis, etc.)

Finalmente, a equipa da Oxfam viu que era essencial fazer acompanhamento, para monitorar a implementação de planos de acção, depois de facilitar o CLTS, de modo a certificar-se de que os planos de acção estavam a ser cumpridos.

Ensaio de Abordagens Comunitárias do Saneamento Total (CATS)⁴ no Haiti

(Fiorella Polo, UNICEF, Port-au-Prince, Março de 2010)

Contexto

DI em campos

Historial

O UNICEF apoiou a implementação de CATS em campos de DI na sequência do terramoto de 2010. Nos campos onde já existiam instalações de saneamento, o enfoque era na apropriação por parte da comunidade residente da limpeza e da manutenção, e no uso adequado das casas de banho (muitas casas de banho tinham sido previamente desmanteladas pelas famílias e os materiais utilizados para outros fins de construção em redor da casa). Isso ajudou a parar o OD. Em campos onde não havia instalações sanitárias, a comunidade tomou a decisão de construir latrinas e de promover a sua utilização.

Problemas encontrados

Uma dificuldade em locais urbanos tem sido a pouca terra disponível para construção de latrinas e às vezes os proprietários não estavam dispostos a deixar construir latrinas, já que isso indicava que os DI permaneceriam



A decisão comunitária de abandonar o OD no Haiti levou este homem a começar imediatamente a cavar uma latrina. Foto: Fiorella Polo, a UNICEF



Crianças cantando não ao «caca par terre» («cocó no chão») num despertar de CLTS no Haiti em 2015. Foto: Susana Sandoz

⁴ A designação CATS foi cunhada pelo UNICEF em 2008, para abranger os diversos programas de saneamento dos seus escritórios nacionais, incluindo o CLTS na Serra Leoa, o Saneamento Total Liderado pela Escola (SLTS) no Nepal e a Campanha de Saneamento Total (TSC) na Índia. Muitas concepções dos programas foram inspiradas pelo CLTS e visavam igualmente tornar as aldeias Livres de Fecalismo a Céu Aberto (ODF), sendo uma das características distintivas importantes do CLTS a participação do governo desde o início.

nas suas terras durante algum tempo. Sugerem-se latrinas colectivas como melhor solução nessas circunstâncias. Embora se exija participação da comunidade para a construção, sugerem-se incentivos de pagamento em dinheiro como sendo necessários para a realização do trabalho.

O estudo adverte que o enfoque na repulsa pode não ser apropriado/ético para pessoas que estiveram em choque. Observa-se também que vários projectos simultâneos centrados no abastecimento não incentivam a apropriação pelas pessoas das instalações de WASH e a responsabilidade pela sua limpeza e manutenção.

Intervenção

As ferramentas utilizadas nas campanhas de CATS do UNICEF incluíam a «caminhada tabu» (caminhada de transecto) e a contaminação de alimentos/água pelas moscas que transportam o cocó. Tal como acontece com a experiência da Oxfam no Paquistão, o UNICEF concluiu que, nos seus eventos-piloto, o sucesso da fase de «despertar» parecia estar mais relacionado com a qualidade da facilitação que com o tipo de local.

Em localidades rurais onde não existem latrinas, as latrinas familiares são normalmente aceites como opção mais adequada e sustentável, devido a questões de apropriação e gestão quotidiana. No entanto, em geral, observou-se maior progresso em locais que já tinham latrinas, nomeadamente no que diz respeito à limpeza das casas de banho pelas famílias.



Caminhada em transecto, Haiti, 2015. Foto: Susana Sandoz

⁵ Este foi também um medo expresso por pessoas que estão a ser formadas como facilitadores no Sudão do Sul <http://www.communityledtotalsanitation.org/blog/tackling-fear-and-scepticism-advice-and-examples-clts-trainings-south-sudan> (Otieno, 2012). Uma edição recente do *Fronteiras do CLTS* aborda a questão dos direitos humanos e a sensibilidade e o elevado nível de facilitação necessário, particularmente em contextos mais problemáticos (Musembi e Musyoki, 2016).

Principais lições aprendidas

Principal tipologia de situação ensaiada:

Pessoas deslocadas que vivem em campos

Deve dar-se prioridade a CLTS/CATS em locais onde o saneamento já existe: conclui-se que o CLTS é mais eficaz para manter o meio limpo que para construir casas de banho (Polo, F.; Sagan, S.).

Actividades de despertar muito bem facilitadas, juntamente com um acompanhamento constante do plano de acção colectivo delas resultantes, resolveram directamente o problema da má utilização de latrinas em funcionamento existentes (Sagan, S.).

A facilitação de qualidade é a principal preocupação: o papel de uma agência implementadora pode centrar-se em formação de qualidade, controlo/ monitoria e melhoramento da facilitação (Polo, F.; Sagan, S.).

Para reduzir a probabilidade de as latrinas serem destruídas ou desmanteladas, o enfoque deve ser assegurar a adequação dos abrigos familiares (Polo, F.).

Para incentivar a apropriação e auto-suficiência, deve evitar-se facilitar CATS/CLTS paralelamente a vários projectos centrados na oferta, mesmo que não estejam directamente relacionados com saneamento ou WASH (Polo, F.).

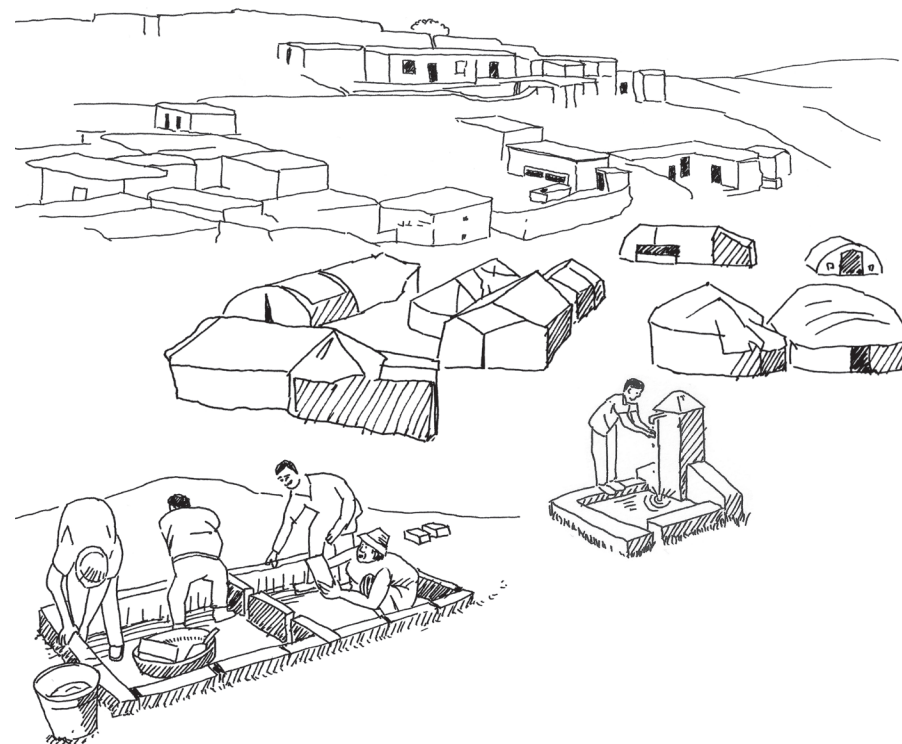
As crianças podem ter um papel único e de enorme impacto para incentivar e manter ODF na área das suas comunidades (Sagan, S.).

Para persuadir as mulheres a deixar de usar locais de OD, deve discutir-se com elas sobre como é o saneamento seguro e confortável, e apoiá-las nesse sentido (Sagan, S.).

O acompanhamento do processo CLTS pela agência implementadora, para monitorar o cumprimento do plano de acção, é fundamental para manter o ímpeto e a sustentabilidade da resposta inicial do grupo (Sagan, S.).

Como em contextos de assentamentos estabelecidos/de desenvolvimento, a falta de coesão social faz com que seja difícil conseguir uma acção unificada (Sagan, S.).

Pessoas deslocadas que vivem em comunidades de acolhimento



Esta categoria refere-se às populações afectadas que vivem numa comunidade habitada por uma população que não foi directamente afectada pela catástrofe ou pelo conflito e que partilha de instalações de WASH ou utiliza instalações temporárias de emergência.

Community Approach to Total Sanitation in Sudan

(Departamento de Água e de Saneamento Ambiental (WES), Sudão, Novembro de 2010)

Contexto

DI de longo prazo que vivem em comunidades de acolhimento.

Historial

O WES tentou aplicar CATS no contexto de um cenário definido para o saneamento total no Sudão. Os seus critérios fundamentais para o saneamento total incluem:

- Fornecimento e uso de água suficiente (20 litros por pessoa/dia) para higiene pessoal e uso doméstico.
- Manutenção/limpeza em volta de locais de abastecimento de água, limpeza de contentores e transporte de água, armazenamento seguro em casa.
- Uso de latrinas por todos os membros da família quando estão em casa e eliminação segura de excrementos de criança.
- Disponibilidade de opções de baixo custo de latrinas.
- Lavagem de mãos com sabão, cinzas ou areia/terra, depois de defecar e antes de comer.
- Resíduos de animais de criação fora do contacto humano, gestão de resíduos sólidos, gestão de águas residuais.

Intervenção

Na abordagem do WES, dá-se aqui muita importância à não atribuição de nenhum subsídio para material de saneamento (nem mesmo para os pobres): em vez disso, põe-se a tónica na disponibilidade de um leque de opções de saneamento (ou seja, soluções e materiais localmente disponíveis).

Trata-se de um contexto muçulmano: os ensinamentos religiosos são utilizados para apoiar a promoção do ODF. Por exemplo, os ensinamentos islâmicos e cristãos são muito específicos relativamente a conceitos do tipo de ODF:

- «A defecação deve ser feita com privacidade ou ao defecar ninguém vos deve ver.» (Hádices de Abu Daud).
- «Terás um lugar fora do arraial, aonde sairás. E entre as tuas ferramentas,

terás uma pá; e será que, quando te abaixares, com ela cavarás um buraco e, virando-te, cobrirás os teus excrementos.» (Deuteronómio 23: 12, 13)

- «Deus ama os que se purificam» e «A limpeza é metade da fé: preenche as escalas de boas acções.» (Alcorão, 9: 109).

A comunidade participante prepara um plano de acção baseado em mapeamento, inspecção sanitária (incluindo uma inspecção física das instalações públicas de WASH, usando uma lista de verificação de inspecção sanitária, juntamente com tiras de testagem rápida da qualidade da água), saneamento e promoção da higiene, e discussões em grupo. O Plano de Acção da Comunidade (PAC) diz respeito a toda a comunidade, uma vez que as práticas de OD e má higiene afectam toda a população. Assim, o PAC também inclui um plano para melhorar o acesso a WASH nas escolas e centros de saúde.



Mapa de uma aldeia elaborado pela comunidade. Foto: WES, Sudão

Partindo deste cenário WASH integrado para o saneamento total, o Departamento de WES no Sudão liga o Tratamento da Água Doméstica (HHWT, ou «Sistemas Domésticos de Tratamento de Água», HBWTS) com as CATS. São incorporadas as seguintes actividades na abordagem geral:

- Testagem da qualidade da água usando um frasco de H₂S aos níveis da fonte e do agregado familiar.
- Introdução de solução/pastilhas de cloração ao nível do agregado familiar.
- Fornecimento de soluções/pastilhas nos centros de venda.
- Ensaio de outras opções, como filtros comerciais.
- Preparação de materiais de Informação, Educação e Comunicação sobre HHWT.

Na essência, o WES no Sudão engloba uma abordagem de meios de vida orientada pela procura para o seu programa de CATS. Isto é digno de nota, já que as CATS incentivam realmente a comunidade participante a subir para a «escada do saneamento» de auto-ajuda/auto-melhoramento de instalações sanitárias privadas. Assim, ao assentarem as CATS num programa mais amplo de auto-ajuda/auto-melhoramento, pode argumentar-se que os participantes estarão mais dispostos a aderir ao conceito de que não serão dados subsídios

de material de saneamento para latrinas privadas depois do despertar.

Em apoio deste conceito, o WES construiu latrinas de demonstração utilizando materiais locais (depois de avaliar se estes materiais locais existiam na zona). Avaliaram o preço das várias opções de latrinas que estavam a demonstrar. Alguns parâmetros básicos (por exemplo, profundidade de poço, diâmetro, opções de revestimento adequados) são acordados/promovidos tendo em conta o posterior conhecimento do WES dos materiais locais disponíveis e das condições físicas do solo. Além disso, o armazém local do WES é usado como balcão de vendas de peças sobresselentes para várias tecnologias de WASH.

Principais lições aprendidas

Principal tipologia de situação ensaiada:

Pessoas deslocadas que vivem em comunidades de acolhimento

Uma abordagem multisectorial integrada apoia o CLTS. Uma programação paralela a actividades comunitárias relevantes de WASH e em ligação com outros sectores (Saúde e Nutrição), através de Agentes Comunitários de Saúde, pode melhorar a aceitação por parte da comunidade, e eventualmente a sustentabilidade, do CLTS (WES, Sudão; Polo, F.).

Devem utilizar-se líderes religiosos locais e a influência e as oportunidades que têm de fazer chegar mensagens de higiene pessoal e bem-estar à sua comunidade (WES, Sudão; Burt, M.).

Deve levar-se os líderes religiosos a participarem, para ajudar a fazer advocacia junta das autoridades governamentais pela replicação do processo e posterior mudança de política (WES, Sudão; Burt, M.).

Deve haver enfoque em Saneamento Total e não apenas em CLTS (WES, Sudão).

Deve incentivar-se a criação de um Plano de Acção Comunitário prático para monitoria e manutenção do estatuto ODF, mantendo um ambiente limpo ambiente no geral, e para melhoramento genérico do acesso a WASH (WES, Sudão).

Pessoas que vivem em aldeias estabelecidas em áreas afectadas por conflitos ou que estão a ser recuperadas/reabilitadas



Esta categoria descreve populações afectadas que não foram deslocadas, mas que enfrentam, ainda assim, conflitos e as consequências da catástrofe, ou comunidades afectadas que estejam a assistir ao retorno aos seus locais de origem de famílias previamente deslocadas. Os serviços essenciais não estão provavelmente a funcionar, e o estatuto socioeconómico da comunidade é ainda frágil, normalmente com poucas pessoas com emprego, e muitas famílias numa posição vulnerável.

CLTS no Afeganistão

(Murray Burt, Tearfund, Maio de 2011)

Contexto

Aldeias estabelecidas e restabelecidas que continuam a receber alguns retornados.

Historial

A Tearfund teve êxito com CLTS no Afeganistão no quadro de um princípio geral de apoiar intervenções WASH integradas, assentes em meios de vida e orientadas pela procura. A este respeito, a experiência e as conclusões da Tearfund são coincidentes com as da UNICEF-WES no Sudão (ver estudo de caso anterior). No seu programa do Afeganistão, a Tearfund concentrou os esforços na facilitação, promoção, comercialização e formação, deixando à comunidade local e aos proprietários e comerciantes locais a construção, a produção e a distribuição. O programa adoptou simultaneamente uma abordagem de comercialização social, que criou meios de vida sustentáveis para muitos artesãos, lidando ao mesmo tempo com questões de saúde relacionadas com a qualidade da água e do saneamento.⁶

Intervenção

Foi incorporado o processo de CLTS, para criar um entendimento da relação entre OD e doenças diarreicas, a fim de estimular a procura de saneamento seguro. Na sequência de eventos bem-sucedidos de despertar para o CLTS, a construção de latrinas foi deixada a cargo dos proprietários e comerciantes



Kapisa, Afeganistão, execução pós-CLTS. Foto: Tearfund

⁶ Isto foi feito através de promoção na rádio e ao nível da comunidade (painéis exteriores grandes), que era a actividade focal da componente de promoção da higiene deste programa de WASH.

locais. A maioria das famílias optou pela concepção tradicional de latrina de fossa elevada (eliminando a necessidade de cavar um buraco no solo fino e rochoso), com uma câmara de recolha de resíduos selada à superfície, que é periodicamente esvaziada por homens com este trabalho específico. Junta-se cinza aos resíduos, para minorar o cheiro e acelerar o processo de compostagem. As famílias construíram as suas próprias latrinas com a ajuda de comerciantes locais que já tinham as competências e conhecimentos necessários. A Tearfund também deu formação a comerciantes locais, para que eles entendessem as questões gerais de melhores práticas relativamente a saneamento seguro, incluindo a localização, concepção e qualidade de construção das latrinas. Depois do despertar de CLTS, e depois de as comunidades terem começado a trabalhar nos seus planos de acção, os funcionários da Tearfund facilitaram um processo de PHAST na comunidade. Esse processo ajudou a comunidade a entender a importância das boas práticas de higiene e em particular de lavar as mãos com sabão (ou cinza). No geral, não foi seguido rigorosamente o processo clássico de PHAST, mas sim abordado de forma mais geral, tendo-se utilizado as suas técnicas para complementar as anteriormente introduzidas através do CLTS e através de programas de apoio à utilização do Biofiltro de Areia⁷, com enfoque especial na promoção da higiene e lavagem das mãos.⁸ Por isso, enquanto a campanha CLTS estimulou a procura de latrinas familiares, apenas três meses mais tarde, o processo de PHAST e a campanha de promoção de higiene estimularam a lavagem das mãos. Na sua aldeia-piloto na província de Kapisa, isto resultou não só em cobertura universal de latrinas e cessação de OD, como também a maioria das famílias instalou um sistema de lavagem das mãos em frente de cada latrina.

A Tearfund também trabalhou com a comunidade para promover o Dia Mundial da Lavagem das Mãos e usou muitas técnicas de comercialização social para promover a lavagem das mãos com sabão. O aumento da procura de instalações de lavagem das mãos foi satisfeito principalmente por trabalhadores de aço locais, que já estavam a produzir pequenos tambores de aço com uma torneira, concebidos para lavagem das mãos.

A Tearfund beneficiou da colaboração próxima com os mulás — primeiro, discutindo com eles a importância do bom comportamento de higiene e, em seguida, em conjunto com eles, levando a mesma mensagem à população em geral. Em todo o Afeganistão, as instituições religiosas são fundamentais no tecido social de uma comunidade e o apoio de chefes religiosos validou o trabalho da Tearfund na comunidade.

⁷ O biofiltro de areia (BFA) é um sistema de tratamento de água no local de utilização adaptado dos tradicionais filtros de areia lentos. Os BFA filtram agentes patogénicos e sólidos em suspensão na água utilizando processos biológicos e físicos que se dão numa coluna de areia com um biofilme no topo. Demonstrou-se que os BFA filtram metais pesados, turvação, bactérias, vírus e protozoários. Os BFA também reduzem a descoloração, odor e sabores desagradáveis. Os estudos têm mostrado uma correlação entre a utilização de BFA e uma diminuição da ocorrência de diarreia.

⁸ É de notar que o trabalho da Tearfund com as comunidades no Afeganistão cobriu diversos sectores, incluindo WASH, Redução do Risco de Catástrofes (RRC), meios de subsistência e outros programas, muitos dos quais tiveram lugar ao mesmo tempo e que estão quase todos interligados.

Com base no sucesso observado na província de Kapisa, a Tearfund, em colaboração com a UNICEF e com o Ministério da Reabilitação e Desenvolvimento Rural do Afeganistão, incentivou outras agências de implementação de programas de WASH a usar, técnicas de comercialização social orientadas pela procura, que também promovam meios de vida sustentáveis. A Tearfund e outras agências também tiveram êxito na pressão que fizeram junto do governo para a alteração da Política Nacional de WASH no sentido de incluir o CLTS e tratamento de água para uso doméstico como intervenções aceitáveis de WASH. Agora, a UNICEF está a trabalhar com o governo para desenvolver um plano nacional para implementar o CLTS em todo o país.

Intervenção de CLTS no contexto pós-emergência no Paquistão

(Syed Shah Nasir Khisro, Programa de Apoio Regional Integrado, IRSP, 2011)

Contexto

Comunidades estabelecidas afectadas pelas cheias.

Historial

As inundações no Paquistão não só destruíram habitações como também danificaram a infra-estrutura de saneamento. As comunidades afectadas, incluindo as mulheres, foram por conseguinte obrigadas a defecar a céu aberto. Tornou-se, pois, imperativo sensibilizar as comunidades para os malefícios do OD, especialmente nas áreas inundadas, e fornecer-lhes o conhecimento e a capacidade de utilizar os seus próprios recursos para gestão segura de excrementos humanos. Foram disponibilizados às camadas mais pobres de cada comunidade materiais de baixo custo para latrinas (projectos relacionados com WASH neste contexto são geralmente subsidiados).



SLTS e sessões de despertar em Peshawar.
Foto: Syed Shah Nasir Khisro

Intervenção

A principal inovação apoiada pelo IRSP foi o estabelecimento de uma Pessoa de Apoio na Comunidade (PAC): é identificada uma PAC para cada 500 agregados familiares (um número de casos que pode exigir incluir famílias não apenas nas suas próprias comunidades) e ligada aos Técnicos de Desenvolvimento Comunitário do Departamento de Engenharia de Saúde Pública, PHED. As PAC recebem formação para fazer o despertar para o CLTS nas suas respectivas comunidades. Também mobilizam as comunidades para a promoção da higiene e faz-se uma campanha a nível da comunidade. As PAC também facilitam o CLTS nas escolas. Cada PAC recebe um incentivo em dinheiro pelo seu trabalho e podem concorrer a um prémio em dinheiro, por exemplo, por serem a primeira aldeia a alcançar o estatuto de ODF.

As PAC estão familiarizadas com os estágios iniciais de actividades do projecto e cabe-lhes a responsabilidade pelo desenvolvimento de planos de acção e implementação de uma estratégia do projecto. O processo descrito abaixo é o seguido pelas PAC no despertar para o CLTS e para a sustentabilidade do programa numa comunidade:

- Identificar pessoas importantes nas suas aldeias (activistas).
- Trabalhar com escolas: recolher informação sobre WASH, formar clubes de WASH e organizar eventos especiais, incluindo campanhas de sensibilização.
- Reunir-se com a comunidade para esclarecer o objectivo da intervenção de saneamento.
- Recolher informação de WASH sobre a comunidade.
- Realizar campanhas de sensibilização da comunidade.
- Planear e facilitar o despertar para o CLTS na comunidade.
- Ajudar a comunidade na elaboração de um plano de acção.
- Fazer parte da comissão interna de verificação do estatuto ODF e organizar a visita de campo do comité externa de certificação ODF, bem como convidar os meios de comunicação social.
- Orientar as principais partes interessadas quanto aos seus papéis e responsabilidades no processo.
- Facilitar a demonstração prática da construção de latrinas (vários tipos).
- Facilitar o estabelecimento de contactos entre as comunidades e os pedreiros formados.
- Estabelecer contactos entre as comunidades e mercados/empreiteiros de saneamento para opções de baixo custo.
- Fazer acompanhamento e monitoria comunitária e interagir com os comités de saneamento das aldeias.
- Partilhar e documentar estudos de casos de sucesso.
- Fazer planeamento para permitir à comunidade subir um degrau na escada do saneamento.

CLTS em Contextos de Fragilidade e Insegurança: Experiência da Somália e do Sudão do Sul

(Nancy Balfour, Philip Otieno, Charles Mutai, Ann Thomas, UNICEF, 2014)

Context

Aldeias em contextos de EFAC

A narrativa de estudo de caso que se segue é um resumo que inclui o historial de base e as lições aprendidas de *CLTS in Fragile and Insecure Contexts: Experience from Somalia and South Sudan* («CLTS em contextos de Fragilidade e Insegurança: Experiência da Somália e do Sudão do Sul») (Balfour et al 2014).⁹

Historial

O custo elevado da construção de latrinas melhoradas – devido a dificuldades logísticas no transporte de materiais de construção para comunidades remotas, por más estradas através de zonas inseguras – dissuadiu programas de saneamento abrangentes no passado. Onde quer que se tivessem levado a cabo programas de saneamento, estes nunca conseguiram alcançar melhorias reais no acesso a saneamento. Tendo em conta este historial e incentivadas pelas experiências no Afeganistão e noutros contextos pós-conflito, as equipas de WASH do UNICEF decidiram fazer uma experiência com CLTS.

Problemas encontrados

Sudão do Sul

Após a independência e a restauração da paz em 2006, o governo e outras entidades estavam prontos a ponderar abordagens de saneamento que melhor servissem as necessidades do país a longo prazo. Isto levou à introdução do CLTS a título experimental. No início, houve, porém, resistência acirrada de muitas instituições e actores de WASH no país, que defendiam que o CLTS não era apropriado para um país como o Sudão do Sul, que ainda estava a esforçar-se por recuperar do trauma



Despertar para o CLTS em Napatet, em Kapoeta Norte, Sudão do Sul. Foto: Ross Kidd

da guerra. Alegavam que a metodologia de despertar do CLTS, que, na sua perspectiva, usa vergonha, repulsa e medo para desencadear a mudança de comportamentos, poderia facilmente provocar um retrocesso no seio das comunidades. Defendiam também que a fragilidade das comunidades, em que a prolongada guerra criara dependência e uma pobreza devastadora, impossibilitava as comunidades de acolher uma abordagem sem subsídios do saneamento doméstico. Através da realização de workshops nacionais e estaduais, os numerosos testemunhos do fracasso da abordagem convencional convenceram muitos intervenientes a dar uma oportunidade ao CLTS.

Somália

Um estudo de viabilidade realizado em 2011 indicou que as comunidades estavam muito desejosas de adoptar o CLTS, mas os funcionários de higiene e saneamento das ONGs e os funcionários estatais de saúde pública tinham muito mais dúvidas sobre a nova abordagem devido a tabus religiosos/culturais sobre discutir o «cocó». O seu cepticismo foi vencido pela ampla participação de intervenientes no saneamento em actividades de despertar para o CLTS, em que os incrédulos podiam ver com os seus próprios olhos o entusiasmo com que as pessoas participavam nos exercícios. O UNICEF prosseguiu então com um programa abrangente de capacitação dos parceiros, para obterem um melhor entendimento do CLTS e de como ele diferia da PHAST, que conheciam melhor.

Intervenção

Ambos os escritórios nacionais reconheceram a importância de vencer a resistência ao CLTS entre os interessados e as instituições, e de conseguir a adesão dos principais líderes locais como agentes de mudança. Este «despertar institucional» foi fundamental para o sucesso da introdução do CLTS em ambos os países.

Sudão do Sul

A equipa de WASH do Sudão do Sul começou por implementar em cinco estados um projecto de grande escala de um ano. O rápido aumento de escala de despertar (mais de 300 aldeias em cerca de seis meses), realizado por muitos parceiros, levou a um elevado número de fracassos por variadas razões, incluindo a insuficiência de recursos para acompanhamento, sobreposição com projectos de saneamento subsidiados e deslocação da população. Foi decidido promover o CLTS apenas em estados que tivessem as condições mais favoráveis para o seu êxito. Suspendeu-se o despertar maciço nas aldeias de cada estado e só se fez despertar em aldeias onde havia pessoal suficiente no terreno para um acompanhamento eficaz. Estas acções ajudaram a melhorar a situação do CLTS e cada vez mais aldeias foram atingindo o estatuto ODF.

⁹ Disponível na íntegra em www.unicef.org/esaro/WASH-CLTS-Note-V5-single-pages.pdf

As condições consideradas favoráveis para o CLTS no Sudão do Sul eram as seguintes:

- Formações de solo estáveis.
- Homogeneidade cultural.
- Predominância de assentamentos rurais.
- Estilos de vida sedentários.
- Sistema fundiário seguro.

Houve desafios relacionados com o contexto de fragilidade no Sudão do Sul, que tiveram de ser superados por meio de diálogo, sensibilização e acompanhamento regular.

Estes desafios eram os seguintes:

- Culturas heterogêneas dentro de cada comunidade, com desconfianças étnicas que dificultavam a acção colectiva.
- Incertezas relativamente à posse da terra, que criavam relutância em construir uma latrina.
- Logística deficiente e capacitação negligenciada, que davam origem a insuficiência de ferramentas para cavar e a conhecimentos técnicos inadequados para a construção de latrinas.
- A mobilidade, uma característica comum das comunidades afectadas por conflitos, é um desafio para a sustentabilidade do estatuto ODF. Houve líderes naturais identificados em certas aldeias «despertadas» que se foram embora devido a combates ou a secas, o que teve um efeito negativo na construção de latrinas. Tem de haver um grande grupo de líderes naturais a participar no programa de CLTS para resolver este problema.
- Um longo historial de ajuda de emergência «gratuita» dificultou a introdução de uma abordagem sem subsídios.



Lajes por usar numa loja em Kapoeta Sul, no Sudão do Sul, porque o doador não fez acompanhamento. Foto: Ross Kidd

Somália

Na Somália, o programa tinha despertado mais de 370 aldeias, com 140 autodeclaradas ODF em Agosto de 2014. Um dos principais sucessos do programa foi a formação de mais de 120 ONGs como implementadoras. Entre elas contavam-se parceiros de nutrição e saúde que estão a ajudar a ampliar o CLTS através do novo programa de Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Utilizando a grande aceitação pelas comunidades dos ACS, geralmente envolvidos em acção médica, o programa de WASH alavancou apoio para o CLTS.

A equipa de WASH da Somália centrou-se em ONGs locais como parceiros de implementação, por causa do acesso que têm às comunidades, mesmo em zonas afectadas por conflitos. Depois de muita formação, as ONGs locais formaram facilitadores de CLTS e líderes comunitários. O uso de ferramentas participativas era novo para muitos funcionários, que conhecem melhor o trabalho de ajuda de emergência; funcionários das ONGs tiveram de ser «reciclados» para trabalhar com as comunidades e capacitá-las, em vez de distribuir artigos de ajuda de emergência para salvar vidas.

A proibição de ajuntamentos públicos faz com que as ONGs locais tenham dificuldade em facilitar o CLTS em áreas com forte controlo do Al Shabab no Centro-Sul da Somália. Conseguem continuar a trabalhar em áreas com menos controlo do Al Shabab, mas a zona ainda é considerada demasiado insegura para as ONGs internacionais e agências da ONU. Para fins de apoio e acompanhamento, o programa tomou uma decisão consciente de implementar primeiro em zonas de mais fácil acesso. Estas zonas são áreas rurais com boas condições de segurança. O programa deslocar-se-á então gradualmente para áreas de difícil acesso, com mais controlo do Al Shabab, no resto do Centro-Sul da Somália.

Os parceiros de implementação notaram que diversas aldeias despertam devido a outras actividades que se dão em aldeias vizinhas. Esta tendência tem potencial para resolver em parte o problema das áreas controladas pelo Al Shabab, em que as aldeias onde não se pode levar a cabo um programa de CLTS completo podem, ainda assim, desencadear acção comunitária para melhorar o saneamento. Uma melhor monitoria do «auto-despertar» ajudará a medir o impacto total dos programas de CLTS.

A lógica do programa de «Arranque de ODF» no Nepal

(Enos Wambua, Tearfund, 2015)

Contexto

Reabilitação da povoação de origem.

Historial

O trabalho da Tearfund em CLTS no Nepal, após o terramoto de 25 de Abril de 2015, constitui um exemplo interessante de como equilibrar as realidades dos programas de WASH em contextos em que as normas e as abordagens operacionais da ajuda humanitária e da cooperação para o desenvolvimento estão sob pressão. Antes do terramoto de Abril de 2015, o Governo do Nepal (GdN) tinha assumido uma forte liderança relativamente a saneamento total e higiene no país, fazendo do movimento ODF um elemento central do seu Plano Director de Nacional e Saneamento de 2011. Mesmo após o terramoto, o GdN continuou a mostrar a sua liderança e o seu empenho em alcançar as metas ODF, deixando claro para as agências de ajuda humanitária que planeavam a resposta de emergência que estas metas não poderiam ser postas em causa. No contexto pós-terramoto, não era permitido às agências construir nem subsidiar casas de banho domésticas e pediu-se-lhes que não se lançassem em actividades de «redespertar» — que eram confiadas exclusivamente aos Comitês de Coordenação Distrital de WASH do GdN.

Problemas encontrados

Após uma ampla consulta às comunidades, fóruns de coordenação do Cluster de WASH¹⁰ e avaliação das políticas relevantes, tornou-se claro para as agências em questão que havia um grande compromisso com a narrativa de ODF, mas que muitas comunidades não tinham recursos suficientes para construir elas próprias novas casas de banho domésticas em substituição das anteriores. As comunidades defendiam a partilha de casas de banho para evitar o OD, mas alguns membros da comunidade (grupos excluídos e crianças pequenas) não eram autorizados a usar a casa de banho dos vizinhos, nem capazes de o fazer — e eram assim forçados a voltar ao OD.

¹⁰ O movimento Cluster é um mecanismo de coordenação de toda a ajuda de emergência aprovado pelo Comité Permanente Inter-Agências (IASC). Inclui Clusters de WASH nacionais em contextos de emergência, sempre que WASH se torna uma necessidade. As agências da ONU são geralmente escolhidas como agência coordenadora em cada país.

Intervenção

A Tearfund e outras agências colaboraram com o grupo de trabalho nacional de higiene e saneamento para fazer pressão pela criação de um «kit de campanha de arranque de ODF», composto por um pacote mínimo de material essencial para as famílias vulneráveis reconstruírem as suas próprias casas de banho. As negociações foram extensas, devido à firmeza das posições e a interesses existentes. As agências envolvidas promoveram a sua participação no processo de ODF, realçando que poderiam apoiar os construtores e as comunidades locais fazendo sensibilização para o uso de construção mais resistente a catástrofes e concordando em trabalhar dentro estruturas comunitárias de WASH aprovados pelo GdN como base para planificação e monitoria coerentes. As autoridades centrais, como o Cluster de WASH, acabaram por concordar que a decisão sobre a prestação de apoio em espécies devia ser delegada para o nível distrital. A Tearfund pôde então usar as relações que tinha estabelecido para trabalhar em estreita ligação com as autoridades distritais relevantes, que aceitaram a oferta do kit de campanha de arranque de ODF. Foram concebidos critérios de identificação de destinatários em função da vulnerabilidade, que estão a ser verificados pelas comunidades.

O compromisso alcançado representa concessões de ambos os lados. As agências de implementação participantes tiveram em conta o contexto pré-catástrofe, particularmente no que toca ao respeito pela narrativa ODF e liderança do Governo e das comunidades. O GdN, especialmente ao nível distrital, compreendeu que poderia ser necessário um apoio modesto e orientado para proteger a saúde pública e conseguir que grupos vulneráveis não tivessem de recorrer ao OD. O conceito de resiliência forneceu um ponto de entrada para permitir que houvesse agências externas a trabalhar dentro de sistemas e estruturas do GdN para apoiar saneamento adequado no contexto pós-terramoto. O compromisso não foi fácil de alcançar e continua a haver desafios de implementação, por exemplo, relacionados com a actual crise de combustível, a perturbação política e a pouca capacidade das estruturas distritais de WASH de supervisionar a abordagem de Saneamento Total.

Principais lições aprendidas

Principal tipologia de situação ensaiada:

Pessoas que vivem em aldeias estabelecidas em áreas afectadas por conflitos ou que estão a ser recuperadas/reabilitadas

Deve consultar-se os dirigentes das autoridades locais sobre o conceito de ODF antes de iniciar o processo de CATS ou de seleccionar uma comunidade.

Em colaboração com as autoridades WASH do governo e todas as outras partes interessadas, deve integrar-se as CATS/o processo CLTS num programa mais vasto de melhoria do acesso a WASH, com base numa abordagem de meios de vida e orientada pela procura. Deve haver um enfoque em actividades e resultados baseados em meios de vida e orientados pela procura, em que se dá destaque à facilitação, promoção, comercialização e formação, deixando à comunidade local e aos proprietários e comerciantes locais a construção, produção e distribuição.

Devem utilizar-se líderes religiosos locais e a influência e as possibilidades que têm para fazer chegar à sua comunidade mensagens de higiene pessoal e de bem-estar. Deve apelar-se à participação de líderes religiosos para ajudar a fazer advocacia junto das autoridades governamentais pela reprodução do processo e posterior mudança de política (*WES, Sudão; Burt, M.*).

Deve trabalhar-se com os agregados familiares para construir versões de latrinas robustas e apropriadas desde o início, mesmo que as latrinas sejam básicas. É fundamental ter assessoria técnica externa em ambientes difíceis.

Devem ser objectivos subsídios «inteligentes» para grupos especialmente vulneráveis ou para as famílias que enfrentem grandes desafios técnicos e físicos na construção de latrinas. Os que forem identificados como constituindo os segmentos mais vulneráveis da comunidade recebem vales que podem ser trocados por materiais e componentes de construção nos mercados locais (*UNICEF, Cheias no Paquistão, 2010*).

Uma ampliação faseada pode ser mais bem-sucedida do que passar rapidamente a uma escala maior. Os programas de CLTS devem começar em zonas acessíveis, com um plano de alargamento a áreas mais difíceis quando a abordagem estiver bem estabelecida (*Balfour et al, Sudão do Sul*).

É preciso explorar a eventual aplicabilidade de intervenções pós-ODF que possam apoiar resultados comportamentais sustentáveis, como sejam melhor monitoria, formação ou comercialização do saneamento (*Khisro, IRSP*).

Uma abordagem multissetorial integrada apoia o CLTS. Uma programação paralela a actividades comunitárias relevantes de WASH e em ligação com outros sectores (Saúde e Nutrição), através de Agentes Comunitários de Saúde, pode melhorar a aceitação do CLTS por parte da comunidade e eventualmente a sua sustentabilidade (*WES, Sudão; Polo, F.*).

O CLTS é ideal para situações em que o acesso dos trabalhadores de ajuda humanitária seja limitado, já que uma grande parte da acção é iniciada pela comunidade e não executada pela agência de ajuda (*Balfour et al, Somália e Sudão do Sul*).

A parceria com ONGs locais era uma componente essencial na Somália. Os seus conhecimentos de facilitação e a sua mobilidade permitiram acompanhamento e apoio aos líderes naturais onde havia acesso limitado de ONGs internacionais, da ONU e do governo (*Balfour et al, Somália*).

Deve haver estreita colaboração com o Governo Nacional e Distrital, desde o início, reconhecendo que já apoiavam uma abordagem de saneamento total sem subvenções (*Wambua, E.*).

Colaboração sólida e advocacia conjunta de agências de WASH com a mesma visão, para reabilitação (*Wambua, E.*).

Subsídios visando o saneamento podem ser apropriados num contexto onde havia um elevado índice de propriedade familiar e uso de latrinas antes de uma catástrofe natural. Neste caso, pode não haver necessidade (ou atribuições) para novo despertar. É preferível centrar-se em alcançar instalações de abrigo e saneamento através de «melhor reconstrução» (*Wambua, E.*).

Aumentar a sustentabilidade das campanhas de CLTS através da criação de Pessoas de Apoio na Comunidade como principais coordenadores, com formação, que planeiam o evento de CLTS, incentivam a manutenção do estatuto ODF e continuam a melhorar o acesso de sua comunidade ao saneamento seguro (*Khisro, IRSP*).

O desenvolvimento de protocolos adaptados, específicos para cada contexto, para orientar a programação de CLTS, é essencial para a execução eficaz em contextos de fragilidade (*Balfour et al, Sudão do Sul*).

O CLTS em conjunto com um programa de ACS têm o potencial de fazer uma contribuição significativa para o reforço da resistência nas comunidades em risco. O processo de capacitação para acção comunitária implícita no CLTS, juntamente com o impacto na nutrição familiar e na saúde da melhoria da higiene e do saneamento aumenta o capital humano (*Balfour et al, Somália*).

O despertar institucional é criticamente importante em contextos frágeis. A participação de líderes de opinião destacados, em especial os líderes tradicionais e religiosos, é fundamental durante o despertar e a implementação. Isto incluirá «guardiães» que sempre beneficiaram directamente de latrinas subsidiadas e por isso não podem aderir ao CLTS (*Balfour et al, Sudão do Sul*).

Deve considerar-se gerir bancos de ferramentas de curto prazo, para permitir que as famílias com poucos recursos cavem uma fossa de latrina e construam a sua latrina (*Tearfund, Kivu Norte, RDC, mas adoptada pela Tearfund noutros programas de CLTS*).

Temas e Tendências

Os estudos de caso referiam temas de destaque que colocam constantes desafios à aplicação do CLTS num contexto humanitário e de Estados frágeis. Estes estudos são sucintamente abordados a seguir.

Capital social/coesão

Há alguns indícios que mostram que, em comunidades com pouco capital social e pouca coesão (antes ou depois de um conflito ou de uma situação de emergência), o CLTS tem tido menos êxito e tem sido difícil conseguir acção colectiva ou chegar a um acordo (Cameron et al, 2015). Isto é também corroborado por vários estudos de caso, que constata maior sucesso em comunidades homogéneas (Balfour et al; Sagan; Polo). A mobilidade e a flutuação populacional foram identificadas como entraves ao processo de CLTS e à sua sustentabilidade. Pessoas que foram já despertadas ou se revelam líderes naturais podem ter de abandonar a comunidade (Balfour et al). As preocupações de segurança são também um desafio, por exemplo, a proibição de ajuntamentos públicos em algumas partes da Somália (Balfour et al). Todas estas questões criam condições desfavoráveis para a implementação sustentável do CLTS ou de outros projectos de saneamento.

Há também uma clara necessidade de sensibilidade ao fazer o despertar, já que as emoções fortes que pode suscitar podem ser prejudiciais para o processo (Balfour et al) e o despertar pode não ser apropriado ou ético em situações em que as pessoas sofreram choques ou traumas recentes (Polo). Como sempre, o contexto é crucial: os facilitadores devem ser experientes e entender o contexto e a cultura antes da implementação. Uma



Despertar para o CLTS no Maláui, Maio de 2015. Foto: WSSCC/ Katherine Anderson

edição recente do *Fronteiras do CLTS* discute mais em pormenor a questão dos direitos humanos em relação ao CLTS (Musembi e Musyoki, 2016). Em aldeias com um historial de conflitos, pode ser necessário mudar o enfoque, passando de um despertar assente na repulsa a um desencadear assente no orgulho (por exemplo passeios de orgulho (Myers, 2015)) e apontando

desviantes positivos, numa tentativa de incentivar a confiança e coesão comunitária.

Subsídios

As ideias sobre os subsídios na comunidade CLTS estão a mudar subtilmente com a tomada de consciência de que os subsídios para os mais pobres e marginalizados podem ser necessários em diversas situações (Robinson e Gnilo, no prelo 2016; Vernon e Bongartz, no prelo 2016). Como descrevem vários dos estudos de caso (Sagan; Wambua; Balfour et al), isto aplica-se claramente a muitos contextos frágeis de pós-emergência: onde os recursos domésticos são extremamente limitados e há elevados níveis de pobreza, dá-se inevitavelmente prioridade a outros bens essenciais. O uso de subsídios inteligentes e orientadas, por exemplo, vales e descontos, e a integração de estratégias de financiamento nos programas podem ajudar a evitar o retrocesso para OD nos casos em que as pessoas estão em recuperação em comunidades estabelecidas e ajudar as pessoas deslocadas a alcançar o estatuto ODF nos seus campos. Os critérios para selecção do grupo alvo variarão em função do contexto. O estabelecimento de orientações claras que sejam verificáveis, talvez a vários níveis (por exemplo, comunidade, governo local) ajudará a criar um processo claro para todos. Terá de se ter cuidado para evitar prejudicar o processo de mudança de comportamento.

Questões de capacidade e de terra

Um dos principais desafios para o processo de CLTS é como lidar com vários projectos simultâneos centrados no abastecimento, que podem pôr em causa o processo de mudança de comportamento e não incentivar a apropriação por parte das pessoas. Deficiências de logística, capacidade e infra-estrutura são outro grande obstáculo em Estados frágeis e contextos de pós-emergência, criando falta de ferramentas e de conhecimentos técnicos de construção (Balfour et al).



Bairro de Mathare, Quénia, 2010. Foto: Petra Bongartz.

A insegurança na posse da terra também cria uma certa relutância em construir uma latrina (Balfour et al). Além disso, em zonas urbanas, há muitas vezes pouca terra disponível para a construção de latrinas (Polo). Há uma preocupação ética, se se pede às famílias que invistam recursos na construção de casas de banho que podem vir a ser demolidas.

Os programas de CLTS podem não ser os mais adequados em áreas em que a posse da terra é insegura. Isto é também um dos desafios da utilização de CLTS em comunidades informais nas zonas urbanas. Qualquer organização que queira usar CLTS nestas zonas deve também envidar esforços para trabalhar com o governo para reconhecer legalmente estes assentamentos.

Liderança local



Líder natural em acção no Haiti, 2015.
Foto: Susana Sandoz

Alguns dos estudos de caso mostram a importância de identificar os líderes locais e trabalhar com eles (*Burt; Khisro; Balfour et al*). Isto aplica-se sobretudo para a participação de líderes religiosos e outros líderes tradicionais no programa, quando a coesão social e/ou as restrições de acesso por parte das ONG constituem obstáculos à eficácia do CLTS (*Balfour et al*).

Temas para uma investigação mais aprofundada

Importantes tendências humanitárias e abordagens programáticas que estão a surgir têm uma influência especial na aplicabilidade do CLTS e exigirão mais monitoria e investigação. São as seguintes:

Programas de transferência de dinheiro

Recentemente indicada por Ban Ki-moon, Secretário-Geral da ONU, como tipo de intervenção padrão para operações de ajuda de emergências¹¹, os programas de transferência de dinheiro (como pacote de intervenção para melhoria do acesso ao saneamento) são susceptíveis de vir a ter um forte impacto no acesso a latrinas após o despertar. Por exemplo, componentes e serviços de latrinas podem ser comprados pela populações afectadas em fase de recuperação, para obter saneamento seguro. Por outro lado, pode

¹¹ No relatório *Uma Humanidade, responsabilidade compartilhada*, lançado em Março de 2016 na Cimeira Humanitária Mundial, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon insta os líderes a centrar-se nas pessoas e a apoiar a sua capacidade de se adaptar e de recuperar das crises. As transferências de dinheiro são a chave para alcançar este objectivo. O secretário-geral da ONU pede que o apoio à base de dinheiro se torne o método padrão para apoiar as pessoas em situações de emergência, sempre que possível, fazendo eco das recomendações da Cash Learning Partnership (CALP) e da sua comunidade alargada de prática, abrindo caminho a uma reformulação global da ajuda humanitária (ONU, 2016).

vir a prejudicar a actuação própria com vista ao saneamento sustentável, oferecendo material subsidiado (consoante a modalidade de transferência de dinheiro adoptada). Muito dependerá de como os programas de transferência de dinheiro venham a ser administrados paralelamente a processos de mudança de comportamento orientados pela procura.

Abordagens de programas multisectoriais

Parece haver uma tendência crescente para intervenções multisectoriais, como WASH e segurança alimentar, WASH e nutrição, ou WASH e meios de vida. Isto trará algumas vantagens para abordagens de saneamento orientado pela procura (incluindo o CLTS), como sejam criar competências e capacidade para a construção de instalações e componentes de WASH, e oferecer uma via mais holística e mais concreta para o bem-estar e a resiliência da família afectada. Por outro lado, a história tem mostrado que o saneamento é geralmente a componente a que se dá menos prioridade em programas integrados. Balfour et al lembram-nos, porém, de que isso pode ser revertido, se o empoderamento inerente ao CLTS puder ser usado como ponto de entrada para outras iniciativas de criação de resiliência.

Abordagens de gestão dos recursos

Programas de intervenções que incidem em gestão sustentável dos recursos reforçarão provavelmente as abordagens que procuram uma boa gestão de materiais e podem incentivar maior inovação e sustentabilidade de latrinas e abastecimento de água.

Pagamento por Resultados (PpR)

Há opiniões bem vincadas sobre os prós e contras de PpR para conseguir saneamento sustentável, que vão desde o enfoque nos resultados que podem ser pagos, do lado negativo, até aos maiores esforços postos em indicadores de resultados sustentáveis, do lado positivo. Mas temos de ter consciência de que o PpR está a tornar-se uma modalidade de financiamento aceite e responsável.

Insegurança e acesso restrito por parte das ONGs implementadoras

A importância da facilitação e acompanhamento de qualidade é claramente destacada nos estudos de caso, de modo que um impedimento de acesso directo, frequente e relacional às comunidades-alvo representa um desafio para processos orientados pela procura.

Conclusão

Pode parecer que estes contextos e outros temas de programação emergentes dificultam uma implementação eficaz do CLTS. Isto apenas exige, porém, mais aprendizagem sobre a adaptação do processo de CLTS a vários cenários e diversificação da abordagem. Haverá áreas temáticas em que o CLTS é completamente apropriado e alguns contextos em que temos de admitir que há outras abordagens que se aplicam melhor e são mais eficazes. Uma coisa é clara: temos de ser inovadores e flexíveis, e as nossas constatações e conclusões devem ser assentes em factos documentados, caso contrário não convenceremos os doadores institucionais que apoiam a ajuda de emergência e as intervenções em EFAC a financiar os nossos programas. E, à medida que vamos progredindo na nossa aprendizagem, é fundamental mantermos uma capacidade de facilitação de primeira classe, tanto em termos de facilitação no terreno como de «formadores que aprendem» e que estejam plenamente informados das aplicações e aprendizagem contextuais.

O CLTS Knowledge Hub pede aos leitores que partilhem experiências e pontos de aprendizagem de forma a capacitar as populações afectadas para evitar a dependência de longo prazo da ajuda humanitária baseada no fornecimento de bens e produtos. Envie o seu e-mail para

CLTS@ids.ac.uk

Bibliografia

- Balfour, N., Otieno, P., Mutai, C., Thomas, A. (2014) *CLTS in Fragile and Insecure Contexts: Experience from Somalia and South Sudan*, UNICEF WASH Field Note, December 2014, www.unicef.org/esaro/WASH-CLTS-Note-V5-single-pages.pdf, consultado a 11 de Abril de 2016
- Burt, M. (2011) *Effective Emergency WASH Response Using Demand-Led Methods: Case Study from Afghanistan*, Briefing Paper 1118, 35th WEDC International Conference, Loughborough
- Department of Water and Environmental Sanitation (WES) (2010) *Community Approach to Total Sanitation in Sudan*, WES, Sudan, November
- Cameron, L., Olivia, S. and Shah, M. (2015) *Initial Conditions Matter: Social Capital and Participatory Development*, IZA Paper No. 9563, Institute for the Study of Labor, Bonn, <http://ftp.iza.org/dp9563.pdf>, consultado a 11 de Abril de 2016
- Khistro, S.S.N. (2011) 'Unpublished notes on CLTS intervention in the post-emergency context in Pakistan', IRSP (Integrated Regional Support Programme)
- Musembi, C. and Musyoki, S. (2016) 'CLTS and the Right to Sanitation', *Frontiers of CLTS* issue 8, Brighton: IDS, www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/Frontiers8_CLTS_and_right_to_sanitation.pdf, consultado a 11 de Abril de 2016
- Myers, J. (2015) 'Lessons from Pakistan' CLTS Knowledge Hub blog, www.communityledtotalsanitation.org/blog/lessons-pakistan, consultado a 11 de Abril de 2016
- Otieno, P. (2012) 'Tackling fear and scepticism: Advice and examples from CLTS trainings in South Sudan', CLTS Knowledge Hub blog, www.communityledtotalsanitation.org/blog/tackling-fear-and-scepticism-advice-and-examples-clts-trainings-south-sudan, accessed 11 April 2016
- Polo, F. (2010) *Community Approaches to Total Sanitation Pilot in Haiti*, UNICEF, March, www.communityledtotalsanitation.org/resource/clts-pilot-haiti, consultado a 11 de Abril de 2016
- Robinson, A. and Gnilo, M. (forthcoming, 2016) 'Promoting choice: Smart finance for rural sanitation development', in P. Bongartz, N. Vernon and J. Fox (eds) *Sustainable Sanitation for All: Experiences, Challenges, and Innovations*, Practical Action Publishing: Rugby
- Sagan, S. and Barech, Q. (2011) *Oxfam GB's experience in Hyderabad*,

Pakistan, Oxfam GB Hyderabad

Scott, R. (2013) *Sustainable WASH Interventions as Populations Transition from Relief to Development*, Briefing Paper 1824, 36th WEDC International Conference, Nakuru, Kenya

UN (2016) *One Humanity: Shared Responsibility, Report of the Secretary-General for the World Humanitarian Summit*, UN: New York,

Vernon, N. and Bongartz, P. (forthcoming, 2016) 'Going beyond open defecation free', in P. Bongartz, N. Vernon and J. Fox (eds) *Sustainable Sanitation for All: Experiences, Challenges, and Innovations*, Practical Action Publishing: Rugby

Wambua, E. (2015) *Linking Relief to Development Continuum. Total Sanitation in Nepal*, Internal case study prepared by Tearfund, Nepal, November

WHO/UNICEF (2012) *Progress on Sanitation and Drinking-Water, 2012 update*, WHO/UNICEF, Geneva, www.wssinfo.org/fileadmin/user_upload/resources/JMP-report-2012-en.pdf, consultado a 11 de Abril de 2016

Sobre a série

Trata-se de uma série de notas curtas que dão orientações práticas sobre novos métodos e abordagens, e que refletem sobre questões mais amplas. Agradecemos comentários, ideias e sugestões. Contacte-nos no site clts@ids.ac.uk

Outros recursos essenciais sobre CLTS

Este e muitos outros recursos estão disponíveis em

www.communityledtotalsanitation.org/resources

Bongartz, P., Musembi Musyoki, S., Milligan, A. e Ashley, H. (2010) *Tales of Shit: Community-Led Total Sanitation in Africa* ["Histórias de Cocó: Saneamento Total Liderado pela Comunidade em África"], Participatory Learning and Action 61, Londres: International Institute for Environment and Development

Kar, K. (2010) *Facilitating "Hands-on" Training Workshops for CLTS: A Trainer's Training Guide* ["Facilitação de Sessões de Formação Prática em CLTS: Guia de Formador de Formadores"], Genebra: WSSCC

Kar, K. com Chambers, R. (2008) *Handbook on Community-Led Total Sanitation* ["Manual de Saneamento Total Liderado pela Comunidade"], Brighton e Londres: IDS e Plan International

Outros números desta série

Todos os números estão disponíveis em

www.communityledtotalsanitation.org/resources/frontiers

Número 1: Cole, B. (2013) "[Desenvolvimento da Concepção Participativa para Saneamento](#)"

Número 2: Maulit, J.A. (2014) "[Como Despertar para a Lavagem das Mãos com Sabão](#)"

Número 3: Wilbur, J e Jones, H. (2014) "[Deficiência: Tornar o CLTS Plenamente Inclusivo](#)"

Número 4: Cavill, S. com Chambers, R. e Vernon, N. (2015) "[Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação](#)"

Número 5: House, S. e Cavill, S. (2015) "[Tornar a Higiene e o Saneamento Mais Seguros: Reduzir as Vulnerabilidades à Violência](#)"

Número 6: Roose, S., Rankin, T. e Cavill, S. (2015) "[Romper com o Tabu Seguinte: Higiene Menstrual no CLTS](#)"

Número 7: Chambers, R. e Myers, J. (2016) "[Normas, Conhecimento e Uso](#)"

Número 8: Musembi, C. e Musyoki, S. (2016) "[O CLTS e o Direito ao Saneamento](#)"

CLTS em Situações de Pós-Emergência e de Estados Frágeis

Esta edição das *Fronteiras do CLTS* explora o potencial e alguns dos ensinamentos registados de como o CLTS, enquanto abordagem colaborativa e comunitária da mudança comportamental relativamente ao saneamento, pode ser aplicado com êxito em contextos de fragilidade e de pessoas deslocadas, criando comunidades mais dispostas e mais preparadas para manter e desenvolver práticas de saneamento.

Sobre o autor

Frank Greaves é Responsável de WASH da Tearfund desde 2007 e trabalha na Tearfund em geral desde 1989. O seu principal interesse é a aplicação de abordagens de WASH que sejam sustentáveis no continuum que vai da Ajuda de Emergência ao Desenvolvimento. Trabalha no escritório da Tearfund em Teddington, no Sudoeste de Londres.



Ilustração de Barney Haward



CLTS
Knowledge
Hub

Institute of Development Studies
Universidade de Sussex, Brighton BN1 9RE UK

Web www.communityledtotalsanitation.org

Email CLTS@ids.ac.uk

Twitter @C_L_T_S

Tel. +44 (0)1273 606261

Fax +44 (0)1273 621202

IDS, instituição particular de solidariedade social:

Instituição de Solidariedade Social. 306371; Registrada em Inglaterra 877338 N° de IVA. GB 350 899914

Saiba mais

Assine o boletim informativo de CLTS, partilhe as suas experiências e contribua para o site de CLTS através do e mail CLTS@ids.ac.uk